

# TANTO MAIS FILOSÓFICO QUANTO MAIS POÉTICO: SOBRE HABITAR POETICAMENTE O MUNDO, DE HEIDEGGER A LOURENÇO

Anne Ventura e Maria Manuel Baptista

Universidade de Aveiro  
Campus Universitário de Santiago, 3810-193 Aveiro  
(351) 234 370 200 | [geral@ua.pt](mailto:geral@ua.pt)

**Resumo:** Este breve estudo, impulsionado pela vontade de compreender como habitar poeticamente o mundo, pretende explorar as relações entre a filosofia e a literatura, entre Martin Heidegger e Eduardo Lourenço.

**Palavras-chave:** Martin Heidegger, Eduardo Lourenço, filosofia, literatura.

**Abstract:** This brief study, driven by the desire to understand how poetically inhabit the world, aims to explore the relationship between philosophy and literature, between Martin Heidegger and Eduardo Lourenço.

**Keywords:** Martin Heidegger, Eduardo Lourenço, philosophy, literature.

*Vai peregrino do caminho santo, faz da tu'alma lâmpada do cego, Iluminado pego sobre pego, as invisíveis amplidões do Pranto.*  
(Cruz e Souza)

Como podemos, poeticamente, habitar o mundo? Esta é a pergunta que anima a nossa breve reflexão. Em primeiro lugar, pretendemos comprometer-nos em desestabilizar qualquer simplificação da ideia do habitar; devemos abandonar, sobretudo, esse olhar cartesiano que nos leva a acreditar que nós, os homens, estamos dentro do mundo, ou a objetificar um pretense espaço que, enquanto sujeitos, ocupamos.

Já há quase um século que Martin Heidegger, em *Ser e Tempo*, desconstruiu esta interioridade para sugerir que o homem habita junto ao mundo – somos no mundo. Não habitamos quando somente permanecemos, ou ocupamos por hábito, o espaço mundo. Habitar, assim, no sentido que Heidegger recolhe nos versos de Hölderlin, no seu ensaio “... poeticamente o homem habita...”; habitar num sentido ontológico, não metafísico, habitar como existir no mundo, para o mundo, existindo o mundo – ser-no-mundo, em suma, conjunta e complexamente.

Perde-se o espaço na existência, uma vez que sujeito e objeto, homem e mundo, só podem ser no seu enlace, nunca previamente. Homem e mundo não se precedem, antes se constituem, conjuntamente, estranhamente; porque o homem é, e porque isso é mais que apenas homem. Pensar a nossa existência no mundo, então, pressupõe esta primeira ruptura com o pensamento moderno de que homem e mundo são elementos diferenciados, de que é espacialmente que se pensa o mundo. Esta libertação da clausura platónico-cartesiana, concomitante ao esvaziamento do mundo supra-sensível, abriu espaço para um pensamento menos dualista, para além de uma qualquer Metafísica ou Ontologia pré-determinada.

Subversão que, por outro lado, vai confrontar os discursos da própria Filosofia e depositar na linguagem poética uma outra pretensão, pois o poeta será aquele, dentre os homens, que melhor se acerca dos mistérios do Ser e do Tempo, não como aquele que deixa vir à luz algo da mera criação subjectiva que o génio enforma, mas como aquele capaz de estar sob o domínio do Ser. Trata-se mais de uma escuta do que de uma fala. A Poesia, não como produto, mas como acontecimento, funda o Ser, uma vez que a linguagem poética é a casa do ser (HEIDEGGER, 1973). E isso diz de uma entrega genuína, mais do que uma capacidade estética de poetizar: Poesia como deixar-habitar (HEIDEGGER, 2002):

O poeta, quando é poeta, não descreve o mero aparecer do céu e da terra. Na fisionomia do céu, o poeta faz apelo àquilo que no desocultamento se deixa mostrar precisamente como o que se encobre e, na verdade, *como* o que se encobre. Em tudo o que aparece e se mostra familiar, o poeta faz apelo ao estranho enquanto aquilo a que se destina o que é desconhecido de maneira a continuar sendo o que é – desconhecido. (HEIDEGGER, 2002: 177)

Nas palavras do poeta:

Deve um homem, no esforço mais sincero que a vida,  
Levantar os olhos e dizer: assim  
quero ser também? Sim. Enquanto perdurar junto ao coração  
a amizade, Pura, o homem pode medir-se  
sem infelicidade com o divino. É deus desconhecido?  
Ele apareceu como céu? Acredito mais  
que seja assim. É a medida dos homens.  
Cheio de méritos, mas poeticamente  
O homem habita esta terra.  
(*Apud.* HEIDEGGER, 2002: 255)

O contato de Heidegger com a poesia, em especial de Hölderlin, é, assim, fundamental para o seu modo de pensar poético. Deveria, por isso, interessar-nos menos a interpretação que o filósofo fez dos poetas de que se ocupou na sua obra do que o modo como a Poesia afectou o pensamento heideggeriano, transcendendo quaisquer limites que o saber filosófico impunha. A arte como a revelação do ser, abertura da existência; daí a primazia do olhar artístico sobre o Ser, ou do olhar sobre o artístico para se tentar avizinhar do Ser. Assim, de que outro modo, senão poeticamente, seria possível habitar o mundo?

Em *Tempo e Poesia*, Eduardo Lourenço inicia sua reflexão tomando para a dança a questão do tempo. Mais do que o Tempo, que se mede em pequenas doses diárias, placebo do nosso desassossego existencial, fala do Instante: “O paradoxo do Instante não é o de acabar quando surge. Esse dever o impomos nós ao «banal instante», talhado na peça imaginariamente substancial do Tempo. O paradoxo do Instante é o de nunca ter principiado e não poder ter fim. Ninguém verá a cabeça nem a cauda de tal monstro” (LOURENÇO, 2003: 33). Como a serpente de Midgar que devora a própria cauda, o Instante é esse mover-se na inércia, que com a nossa irrealdade nos impomos, irrealdade do Tempo, inclusive.

Leitor atento de Heidegger, o Tempo para Lourenço é uma condenação absoluta da existência humana. Esse mistério supremo é também a nossa mais sublime revelação, o que se dilata na ideia do Instante, antes amplificação do que condensação. E no entanto:

Sempre ou Instante são ainda nomes de empréstimo, cheirando demasiado à fascinação temporal que desejam vencer, para que nos contentem. Como nomear a fabulosa árvore sem morte sobre a qual, pássaros sonâmbulos, acordamos perpetuamente em atraso e adormecemos apressadamente em avanço? O Imóvel Motor reclamado pelo Filósofo é demasiado abstracto e exangue para dar forma à experiência sensível da nossa própria inacessibilidade. Também configura mal o ardente silêncio onde vamos. Acaso um Poeta nos seja, de novo, de mais préstimo que um puro Filósofo (LOURENÇO, 2003: 34-35).

Assim a Saudade que vai buscar na poesia de Teixeira Pascoaes expande-se não como um sentimento elevado, mas como “a sensível existência humana, a si mesma inacessível e próxima. Inacessível porque próxima” (LOURENÇO, 2003: 35). Isto porque a metáfora – lourenciana – da Saudade, ao mesmo tempo em que é retorno, é transcendência, ou transcende na medida em que re-conhece: “O que a existência como Saudade ou a Saudade como existência são nada tem que ver com um Real imaginado à maneira do espaço («partes extra-partes») ou à maneira do Tempo figurado segunda a famosa linha recta da Crítica da Razão Pura” (LOURENÇO, 2003: 36). É assim que a Saudade é particularmente matéria poética, criação absoluta, que exige para si um dizer outro: “Os discursos que gera ou solicita para dar externa vestimenta ao que jamais o poderá ter e sempre o está tendo, são a invenção dos poetas” (LOURENÇO, 2003: 36). É também nesta linha de pensamento que o crítico se apropria da linguagem poética, como única maneira de aproximação ao fazer filosófico que pretenda tentar compreender o Ser. É, portanto, abrindo mão do clássico discurso filosófico e entregando-se à incerteza do discurso poético que Lourenço mais evoca a Filosofia: “Que linguagem pode servir à nomeação da realidade que somos senão aquela que, por antonomásia já nos é devolvida como suprema *Criação*? É poeticamente que habitamos o mundo, ou *não o habitamos*” (LOURENÇO, 2003: 35). E com isso não quer dizer que deva o poeta ocupar-se objectivamente da Filosofia, mas que a Poesia é já, na sua essência, Filosofia, ou aquilo que um dia esta pretendeu alcançar.

Para Eduardo Lourenço, qualquer saber não poético, ainda que num esforço contrário, não faz mais que nos afastar da intemporal verdade do Ser. Pois “a inexcedível claridade das formas não poéticas é de uma substancial negrura. São o homem fora do homem e tanto mais distante quanto mais claras. O mistério da sua claridade é o da nossa alienação. São discursos adequados à topologia e à cronologia irreal da Realidade que é radicalmente *utópica* e *ucrónica*” (LOURENÇO, 2003: 36). Deste modo, a Filosofia condena-se ao colocar-se como questão, revelando do discurso filosófico a sua irrealidade fantasmática; e, por outro lado, abre-se ao poético enquanto modo de aproximação às questões do Ser e do Tempo. Ao abandonar o lugar de filósofo tradicional e assumir o de crítico literário, Lourenço na verdade embrenha-se ainda mais na floresta obscura da Filosofia. Isto porque também a crítica literária assumirá na sua obra uma relação poética com o pensamento, nunca uma verdade exterior ao texto, nunca aquela crítica valorativa que se afasta quanto mais mede a verdade do texto literário.

De tal modo que aceitar Eduardo Lourenço enquanto filósofo pressupõe assumir o arrebatamento poético que, mais que um modo estético de fazer Filosofia, é um modo de existência de seu pensamento, uma Ontologia – na senda de Heidegger. Para além de não procurar a conformidade com nenhuma forma de sistema, seja no espectro da Filosofia ou da Teoria Literária, a sua obra crítico-filosófica só poderá ser compreendida como um trabalho *poiético*. É a palavra crítica também poética, também paradoxo, aquela palavra que estará sempre no limiar de si mesma, condenada a abrir-se ao Instante.

O paradoxo ilumina o que o discurso banal nos falha. A Filosofia constitui-se *por e através* dele. [...] O paradoxo nasce do espanto, matriz inesgotável da Filosofia, espanto do homem que uma vez acordado não reentrará jamais na casa sossegada da própria vigília. Todavia, esse acordar sem fim só nos entreabre as portas do Instante. O paradoxo, filho do espanto que instaura o filosófico, vive ainda do que combate. Diante dele abrem-se de súbito as terras prometidas, mas a promessa não pode ser cumprida (LOURENÇO, 2003: 37).

Crítica e Filosofia coabitam, assim, a Poesia, na medida em que existem através dela, pois ela é o dizer supremo: “A poesia é então o forno de queimar o Real a que outro poeta alude. Nessa vertigem e nessa claridade repousa a nossa existência sem repouso. [...] É da luz que a palavra poética concentra misteriosamente que a nossa

existência recebe o máximo de claridade. Essa luz, porém, é impenetrável. Com que lâmpada exploraríamos o coração do sol?” (LOURENÇO, 2003: 38).

Mas a palavra poética também é, para Lourenço, mediação entre o imaginário e o mundo: lugar de combate onde se define incansavelmente o destino humano (ou não se define).

Como diria Pascoaes, tudo para o poeta é extraordinário; luz e voz, tudo lhe fala: “Não posso abrir os olhos sem abrir / meu coração à dor e à alegria” (PASCOAES,1998). Habitar poeticamente o mundo, enquanto *um* modo fenomenológico de estar no mundo, talvez pressuponha a assunção daquele espanto constante diante do mundo, e da nossa estranheza em relação ao mundo, duma epifania que a palavra poética melhor expresse – ou provoque – que qualquer outro dis-curso.

Quiçá só poeticamente possamos ser Tempo, libertando-nos dele mesmo, pois: “Só a palavra poética é libertação do mundo” (LOURENÇO, 2003: 38).

### **Bibliografia**

HEIDEGGER, Martin. “Sobre o Humanismo”. In: *Vol. XLV* da coleção Os Pensadores, Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

\_\_\_\_ “... poeticamente o homem habita...” In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002. (tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback). (Coleção Pensamento Humano).

LOURENÇO, Eduardo. “Tempo e Poesia” (1959), In: *Tempo e Poesia*, Gradiva, 2003, pp. 33-38.

PASCOAES, Teixeira. *Obras Completas* (Para a Luz/Vida Etérea), Ed. Assírio & Alvim, 1998.